

ZONA LESTE: REDUTO DO FUNK PAULISTA E BERÇO DE NOVAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

Palavras-Chave: FUNK PAULISTA, CULTURA PERIFÉRICA, DANÇA

Autoras:

LUANA NUNES MIRANDA, IA – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. MARIA CLAUDIA ALVES GUIMARÃES (orientadora), IA – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Este projeto de pesquisa teve como objetivo explorar o percurso histórico do funk paulista, delineando uma trajetória dos eventos que moldaram sua história, a partir do surgimento do funk carioca, na década de 1980, passando pela Baixada Santista, até sua disseminação na capital paulista, transformando-se na forma como o conhecemos hoje. Além disso, o projeto procurou verificar as particularidades que definiram a cultura do funk paulista, com foco na expressão identitária do passinho e suas diversas manifestações dentro do contexto histórico e social das periferias de São Paulo. Ademais, o trabalho teve o intuito de destacar os bailes funk como espaços de práticas, representações e símbolos nos quais os jovens buscam estabelecer uma identidade de pertencimento e expressão cultural, para além do entretenimento.

O funk chegou à capital paulista inicialmente pela zona leste de São Paulo, especialmente por meio de bairros periféricos como os conjuntos habitacionais do CDHU, da COHAB e da Cidade Tiradentes. A zona leste é considerada o berço do funk paulista justamente por ter sido o principal ponto de concentração da massa funkeira e da produção musical local. Foi a partir desse território que o movimento ganhou força e se expandiu rapidamente para outras regiões da cidade, consolidando sua presença na cena cultural paulistana.

Além disso, ao falar sobre o desenvolvimento do funk na Zona Leste, a pesquisa também reflete o compromisso em desenvolver uma investigação acadêmica que dialogasse diretamente com este contexto sociocultural do qual a autora deste trabalho pertence, valorizando vivências periféricas como fonte legítima de produção de conhecimento.

A pesquisa foi desenvolvida com base em quatro eixos norteadores: (1) o percurso histórico do funk paulista; (2) a análise dos passinhos praticados em São Paulo e o aprofundamento nas diversidades presentes nessa cultura de movimento; (3) a compreensão das distintas formas de profissionalização possibilitadas pelo funk para seus participantes; e (4) o reconhecimento dos bailes funk e dos fluxos de rua como espaços que extrapolam a dimensão festiva, assumindo funções sociais, culturais e econômicas relevantes dentro dos territórios periféricos.

Por meio do contato com bibliografias e produções audiovisuais, foi possível consolidar a base histórica desta pesquisa. Complementarmente, a realização de entrevistas com grupos de praticantes e profissionais do movimento funk, e a vivência em campo, por meio da participação em bailes funk e fluxos de rua na cidade de São Paulo, possibilitaram a análise dos passinhos e a reflexão sobre a relevância social e cultural desses eventos. Dessa forma, espera-se que este estudo contribua para a valorização e compreensão da cultura periférica, rompendo estigmas e ampliando o reconhecimento acadêmico e social do movimento funk em São Paulo.

METODOLOGIA:

Inicialmente, comecei o desenvolvimento da pesquisa por meio de bibliografias que se relacionassem com a historiografia do funk carioca, a fim de entender melhor o como o funk passa a ser construído nesse território. Minha primeira referência foi a obra *O Mundo Funk Carioca* de Hermano Vianna, que relata bem as relações entre funk e festividade, bailes e suas relações sociais, políticas e culturais com a população negra e periférica do Rio de Janeiro. Além dessa obra, foram lidos artigos como *Arte Performativa do Passinho Foda: 2008-2018*, de Tatiana Bacal e Emílio Domingos; a obra de Silvio Essinger *Batidão: uma história do funk*; o livro de Tamiris Coutinho *Cai de boca no meu b*c3t@o - O funk como potência do empoderamento feminino*, e também a obra de Luciane Soares da Silva *Funk para além da festa: disputas simbólicas e práticas culturais no Rio de Janeiro*. Ambas as leituras foram realizadas visando fundamentar a principal linha de investigação da pesquisa: o estudo do funk paulista, suas influências e as características que o tornam um movimento único e autêntico em sua diversidade.

A principal bibliografia da pesquisa foi construída a partir da temática do funk em São Paulo. Após um estudo introdutório sobre o funk carioca e seus desdobramentos, aprofundi-me na trajetória do gênero a partir de sua chegada à Baixada Santista, investigando posteriormente sua disseminação até a capital paulista. Toda a pesquisa histórica do projeto foi fundamentada em bibliografias e produções audiovisuais relevantes, como o artigo "É o fluxo: "baile de favela" e funk em São Paulo, de Thomas Pedro. Esse trabalho se destaca por abordar o conceito de "fluxo" no contexto da cultura do funk paulista, além de discutir as camadas sociais das periferias, evidenciando como o funk e os fluxos de rua podem ser compreendidos como formas de produção simbólica que expressam os comportamentos e práticas cotidianas da juventude periférica.

Outras referências importantes para a construção da base historiográfica do projeto incluem os documentários *Funk Ostentação*, produzido por KondZilla, e *Funk na CT – A Invasão do Baile em São Paulo*. Ambos tratam do crescimento do movimento na capital, abordando o surgimento do subgênero conhecido como funk ostentação e as características marcantes dos bailes da época.

Após a revisão bibliográfica acerca do percurso histórico do funk, iniciou-se o processo de coleta de dados por meio de entrevistas, que foram organizadas em dois grupos distintos. O primeiro grupo foi composto por praticantes e simpatizantes da cultura funk, residentes em periferias e frequentadores de bailes e fluxos de rua. O segundo grupo englobou profissionais atuantes em diversas áreas relacionadas ao funk, tais como dança, música, moda, produção e cinema, contemplando todas as segmentações que abordam a temática do funk como elemento central. Foram realizadas, ao todo, 18 entrevistas, das quais 10 pertenciam ao grupo de praticantes e simpatizantes da cultura funk, enquanto as 8 restantes corresponderam ao grupo de profissionais atuantes em diferentes segmentos da área.

No campo das entrevistas com profissionais atuantes no movimento funk em São Paulo, foram realizadas conversas por meio da plataforma *Meeting* com dançarinos, DJs, produtores audiovisuais, artesãos e comunicadores envolvidos com a cultura funk. O objetivo foi compreender as diferentes formas de profissionalização e atuação dentro desse universo cultural.

Foram entrevistados os profissionais: Filipe Barbosa, cineasta, produtor audiovisual e diretor do curta metragem *Fluxo o Filme*, residente da Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo; Renata Prado, dançarina, ativista e idealizadora da *Frente Nacional de Mulheres do Funk*, residente na favela do Itaim Paulista, também na zona leste; Juliana Martins, dançarina de *passinho foda* e pesquisadora dos movimentos de quadril na dança funk; Jô Gomes, dançarina integrante do bonde de passinho carioca *Os Imperadores da Dança*, produtora cultural e articuladora do festival e canal de comunicação *Passinhos do Brasil*, que promove a diversidade dos estilos de passinho existentes no país; RD Ritimado, dançarino carioca integrante do bonde de passinho *Os Ritmados* e membro da *Clarín Cia de Dança*, companhia voltada para a criação de espetáculos e oficinas relacionados a cultura funk; Nogueba NGKS, precursor do *passinho dos maloka* em São Paulo e integrante do grupo NGKS, historicamente relevante na trajetória do funk paulista; Arthur (Art), artesão responsável pelo empreendimento *Croché do Sapão*, que confecciona bonés e acessórios de crochê amplamente

utilizados pelo público funkeiro da capital paulista; e Carlos Henrique (CH), dançarino, arte educador e integrante do bonde de passinho carioca *Os Quebradeira Pura*.

Por fim, foram realizadas visitas de campo a bailes e fluxos de rua na cidade de São Paulo, visando compreender as diversas formas de organização desses eventos. A observação contemplou não apenas os movimentos relacionados à dança e às manifestações dos passinhos paulistas, mas também todo o contexto que compõe um baile funk. Foram analisadas as particularidades e diferenças entre os bailes, incluindo aspectos organizacionais, características das vestimentas dos frequentadores, os subgêneros do funk que são tocados predominante em cada baile, as dinâmicas de interação social entre o público e o funcionamento da economia central que sustenta esses espaços.

Ao todo, participei de um fluxo de rua e três bailes funk durante o desenvolvimento desta pesquisa. É importante destacar que, neste estudo, estabeleceu-se uma diferenciação conceitual entre os termos “fluxos” e “bailes”. Os fluxos de rua são compreendidos como espaços menores e mais locais, onde a cultura funk é difundida por meio de carros de som, adegas, tabacarias e comércios locais que contribuem para a movimentação econômica necessária à realização desses eventos. Por sua vez, os bailes funk configuram-se como eventos de organização mais ampla, reconhecidos territorialmente e capazes de mobilizar diferentes polos da cidade de São Paulo, extrapolando os limites do bairro em que ocorrem. Foram visitados os seguintes bailes funk: o Baile do Helipa, localizado na favela de Heliópolis, na zona sul de São Paulo; o Baile da Marcone, situado na favela da Marcone, na zona norte; o Baile do Pantanal, na Vila Nova União, zona leste; e o Baile da RDC, considerado nesta pesquisa como um fluxo de rua, realizado na favela do Buraco Quente, em Ermelino Matarazzo, também na zona leste da cidade. Cada um desses eventos apresenta características organizacionais, espaciais e culturais próprias.

A seguir, são apresentadas algumas fotografias registradas pela pesquisadora durante a observação dos bailes funk visitados no decorrer da pesquisa:



Fotografia feita no Baile do Helipa no dia 24/05/2025
fonte: acervo pessoal da pesquisadora



Fotografia feita no Baile da RDC no dia 25/12/2024
fonte: acervo pessoal da pesquisadora



Fotografia feita no Baile da Marcone no dia 31/04/2025
fonte: acervo pessoal da pesquisadora



Fotografia feita no Baile do Pantanal no dia 05/07/2025
fonte: acervo pessoal da pesquisadora

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Todas as etapas desta pesquisa proporcionaram descobertas significativas e suscitaram diversos pontos de análise. Ao abordar a temática central deste trabalho - *Zona Leste: reduto do funk paulista e berço de novas expressões artísticas*, foi possível aprofundar, de forma histórica e crítica, a compreensão sobre a importância do território leste para a consolidação do funk enquanto movimento cultural, artístico e profissional. A Zona Leste, especialmente a Cidade Tiradentes, revelou-se como um verdadeiro polo de produção e inovação dentro do cenário do funk, abrigando agentes culturais que movimentam e expandem essa cena tanto em suas formas tradicionais quanto nas mais

contemporâneas. Exemplos como Filipe Barbosa e Renata Prado, que desenvolveram suas trajetórias profissionais ancoradas nesse território, reforçam a potência da região como espaço produtor de cultura, saberes e possibilidades. Essa constatação permite reconhecer a Zona Leste não apenas como um espaço geográfico, mas como um lugar de criação e protagonismo dentro do funk paulista, onde essa cultura permanece em constante atualização nas suas formas de expressão artística.

Enxergar o funk como um movimento cultural amplo e diverso foi uma das premissas centrais desta pesquisa. Considerando as múltiplas formas de manifestação da cultura funk, seja por meio das vestimentas, dos bailes e fluxos, da dança ou das dinâmicas de movimento, compreende-se que o funk é uma expressão viva, em constante atualização e reinvenção. As idas a campo foram fundamentais para observar e refletir sobre os diferentes formatos de bailes presentes nas diversas regiões de São Paulo, permitindo identificar e valorizar as especificidades de cada território. Essas particularidades se manifestam tanto na organização dos eventos quanto nas formas de sociabilidade e pertencimento que se constroem nesses espaços.

Cada baile frequentado tinha sua particularidade, por exemplo, no Baile do Pantanal, havia uma cultura predominante de *Grau e Corte*, com muitas motos circulando e dominando o espaço do baile. Era comum ver os pilotos "*cortando de giro*", que é quando se acelera a moto repetidamente, criando uma espécie de melodia rítmica com o motor, além de darem "*grau*", que é a prática de empinar a moto e equilibrá-la em apenas uma das rodas, seja a dianteira ou a traseira, enquanto pilotam. É importante destacar que nem todos os bailes funk mantêm essa cultura de "*Grau e Corte*". Em muitos fluxos, essa prática é até proibida, justamente para evitar atrair a atenção da polícia ou colocar os frequentadores em risco.

No Baile da Marcone, um dos aspectos que mais chamou a atenção foi a predominância do subgênero *funk mandelão*. Observou-se a formação de pequenos grupos de jovens que executavam o *passinho do magrão*, enquanto outros frequentadores ocupavam o espaço do baile de maneiras diversas, evidenciando a pluralidade de expressões e interações presentes nesse ambiente. O *passinho do Magrão* se destaca pelo uso intenso dos braços e das mãos, especialmente com o gesto conhecido como "*tapa no vento*", que reforça o ritmo e o estilo provocador da dança. Já as pernas e os pés realizam movimentos mais deslizantes, alternando entre o uso da ponta dos pés e dos calcanhares, criando um efeito fluido no chão. Um dos passos mais importantes dentro dessa prática é o "*kikinho*", um movimento de deslocamento que serve de base para a construção da sequência de passos. Esses *passinhos* funcionam não só como expressão corporal, mas também como uma forma de comunicação entre os dançarinos, marcando presença e demonstrando um grande domínio técnico dentro do espaço do baile.

No Baile do Helipa, um dos elementos mais marcantes da estética e da performance é o uso das chamadas *Umbrellas*, guarda-chuvas de marcas como Oakley e Lacoste, que ganharam novo significado dentro do contexto do funk. Esses acessórios são levados pelos frequentadores como parte da vivência no baile, e se transformam em verdadeiros instrumentos de expressão corporal e estilo. Durante a festa, quando tocam músicas específicas que combinam com esse tipo de performance, os guarda-chuvas são erguidos e movimentados em diferentes direções: rotações, gestos de abre e fecha, movimentos verticais de baixo para cima, tudo em sincronia com os beats marcados do funk. A prática tem como objetivo principal "gastar onda", ou seja, se destacar, performar estilo e criar uma conexão entre o corpo, o som e o espaço do baile.

No Baile da RDC, é bastante comum observar a circulação constante de motos nos arredores do fluxo, atravessando as ruas e movimentando o espaço do baile. Em grande parte das vezes, os meninos pilotam enquanto as meninas vão na garupa, em sua maioria sem utilização de capacetes, compondo uma cena típica do fluxo. Muitas dessas motos carregam camisetas penduradas próximas ao farol, com fotos de amigos, familiares e entes queridos que já foram frequentadores do baile local e moradores da favela, mas que faleceram, seja em decorrência de violência policial, acidentes de moto ou outras fatalidades. Esse gesto vai além da estética, trata-se de uma forma de homenagem e resistência simbólica, uma maneira de manter viva a memória daqueles que já partiram. Enquanto o baile acontece,

essas presenças ausentes são evocadas, reafirmando os laços de pertencimento, a dor coletiva e também a força da comunidade em não esquecer seus mortos. A prática reforça o quanto o baile é, para além de um espaço de festa, também um território de memória, afeto e continuidade.

Uma das reflexões centrais que emergem ao longo deste percurso de pesquisa diz respeito à cultura de movimento presente nos bailes funk de São Paulo, que extrapola os limites da dança enquanto manifestação corporal. Observa-se que existe uma verdadeira "coreografia espacial" que organiza e estrutura os bailes, manifestando-se desde a chegada das pessoas ao local, na forma como ocupam, transitam e demarcam o espaço, até o uso de objetos, veículos e acessórios que integram e expandem os movimentos. Assim, compreende-se que, nos bailes funk paulistanos, dançar não é apenas mover o corpo, é também pilotar motos ou bicicletas, manusear as Umbrellas, performar estéticas e afirmar estilos. O corpo se articula ao espaço e aos elementos materiais de maneira simbólica e política. Essas coreografias ampliadas revelam a complexidade do funk enquanto prática cultural viva e em constante reinvenção nas periferias da cidade. A pesquisa evidenciou não apenas a potência artística e política do funk, mas também sua capacidade de reinventar narrativas, gerar trabalho, fortalecer identidades e afirmar territórios.

BIBLIOGRAFIA

ABERT, Adje. **O funk paulista como forma de expressão identitária e de influência urbana**. Universidade Aberta, p. 1-144, 29 nov. 2021. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/entities/publication/7d6dca2a-9034-40fe-840b-4b4f048b702f>. Acesso em: 22 abr. 2025.

ESSINGER, Silvio. **Batidão: uma história do funk**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FERNANDES, Bruna. **CULTURA FUNK: do passinho ao rebolado**. 2023. Trabalho de Conclusão do Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/249048>. Acesso em: 24 mar. 2025.

LOPES, Adriana; FACINA, Adriana. **CIDADE DO FUNK: EXPRESSÕES DA DIÁSPORA NEGRA NAS FAVELAS CARIOCAS**. VI ENECULT, UFBA - Salvador, p. 1-14, 25 maio 2010. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/wordpress/24340.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PEDRO, Thomaz. **>É o fluxo: "baile de favela" e funk em São Paulo**. Proa - revista de antropologia e arte, Campinas, dez. 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/16801>. Acesso em: 12 dez. 2024.

PEREIRA, Alexandre. **FUNK OSTENTAÇÃO EM SÃO PAULO: IMAGINAÇÃO, CONSUMO E NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO**. Revista de Estudos Culturais 1, p. 1-18, 1 dez. 2013.

SILVA, Luciane. **FUNK PARA ALÉM DA FESTA: Disputas simbólicas e práticas culturais no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ciclo Contínuo EDITORIAL, 2021. 219 p.

TROTTA, Felipe. **O FUNK NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: Uma música que incomoda**. Latin American Research Review, p. 1-17, 8 jun. 2016.

VIANNA, Hermano. **O Mundo Funk Carioca**. : Rio de Janeiro: Zahar. .1988. 160 p.

VIEIRA, Amanda. **PORTAR O KIT: PERIFERIA E ESTILO DE VIDA**. XXX Congresso de Iniciação Científica UNICAMP, p. 1-5, 1 out. 2022.